

# Correio Paulistano

Propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques

Administrador José Maria de Azevedo Marques

ANNO XXVIII

N. de dia—100 rs. Anno: . . . . . 148000 Anno: . . . . . 189000 N. atrasado—300 rs.  
Semestre: . . . . . 78000 Semestre: . . . . . 98000 Pagamentos adiantados!

N. 7410

## CORREIO PAULISTANO

S. Paulo, 19 de Agosto.

Continuemos a seguir os passos do sr. dr. João Mendes, no sua impotente hostilidade contra a eleição dos candidatos conservadores, nos distritos onde o partido conservador conta mais elementos de vitória no pleito eleitoral.

Já vimos que, no 4º distrito, hostilizando a candidatura do sr. dr. Rodrigues Silva, que é apoiada pelas principais influências conservadoras do distrito, e recomendando aos eleitores o nome do sr. dr. Arruda Alvim—candidato pela paróquia de Porto-Feliz—o sr. dr. João Mendes trabalha exclusivamente em favor do candidato liberal ou do republicano—é, portanto, traidor ao partido conservador.

Passemos, agora, ao 5º distrito.

§

O candidato recomendado pelo sr. dr. João Mendes, em hostilidade à candidatura do sr. conselheiro Duarte de Azevedo, é o sr. dr. Antônio Manoel dos Reis—ex-redactor do «Apostolo», e, actualmente, do «Brazil Catholic». Continuemos a seguir os passos do

Dizer isto, é dizer tudo, para mostrar que, no 5º distrito, como no 4º, o sr. dr. João Mendes está completamente divorciado do partido conservador.

Accrescentaremos, porém, alguma cousa, para aclarar ainda mais a importante figura que representa nesse distrito o sr. dr. João Mendes.

Como que querendo fugir à responsabilidade do seu acto—recommendar

a candidatura do sr. dr. Reis—candidato ultramontano—o sr. dr. João Mendes exprime-se, a respeito, do seguinte modo:

«Quanto ao 5º distrito, fui consultado se apoiaaria a candidatura do sr. dr. Antônio Manoel dos Reis, redactor do «Brazil Catholic». Não tendo compromisso algum, declarei que sim; mas ainda não escrevi circulares, apenas duas ou três cartas.»

Qual o sentido destas palavras?

E' manifesto que o sr. dr. João Mendes, visto como trata-se de um candidato ultramontano, procura diminuir a importância do apoio que presta a esse candidato com a declaração de que assim procede—por não ter compromisso algum—e que só tem escrito duas ou três cartas em seu favor!

Porque tão pouco esforço pela candidatura que o sr. dr. João Mendes julgou conveniente contrapôr às candidaturas dos srs. conselheiro Duarte de Azevedo, e dr. Antônio Bento?

A explicação é facil:

Em primeiro lugar, o sr. dr. João Mendes não quer filiar-se definitivamente ao partido ultramontano, sendo sabido que apenas especula com as crenças religiosas dos ultramontanos para obter-lhes os votos;

Depois, o sr. dr. Mendes, sabendo que o seu candidato só poderá conseguir insignificante votação, procura persuadir que não se esforce por elle, para não ser abalado o conceito de grande influencia eleitoral que tenta criar para si só a da província, e mesmo aqui, entre os bicos.

§

do e impertinente da multidão semelhante ao zumbido de um enxame de vespas.

A atmosphera pesava, opprimia, allucinava. Espessa, atordoadora, suffante.

Os musicos começavam a afinar os instrumentos. As notas soltas, agudas, incoherentes, cortavam rapidamente o ar.

Consultavam-se relógios...

Havia uma grande impaciencia. Uma febre agitava esses milhares de c̄pos. Como as cordas das rabacás, os nervos destendiam-se, preludiando sensações violentas, afinando-se para harmonias estranhas, desconhecidas.

Passou a hora marcada para começar a função.

O que se espera?...

Todos os olhos volviam-se curiosos, frequentes, para um camarote especial, mais largo e mais bello que os demais. Subitamente penetrou o circo um clangor e trepitante, precipitado, de cornetas e um ruído abafado e trepido de cavalaria.

Levantou-se grande agitação nos espectadores.

Uma passavam o lenço nas lunetas e binóculos, outros accommodavam-se nas cadeiras. Alguns exclamavam: «Até que afinal chegou o homem!»

S. Magestade surgiu no camarote. Ropiu-a a symphonie de ouverture. O gabinete repentinamente seu sol maior. Começou a função.

\*\*

Enquanto um famoso equilibrista brasileiro desmentia do alto de uma pirâmide de tamboretes cadeiras e barricas, todas as leis do peso e da gravitação, conversava-se animada, si bem que discretamente na varanda do senador Z.

O dr. Paes confabulava mansamente, com a noiva, a frívola filha do senador. Alta, branca, faceira, elegantíssima. Tinha pequenos sustos graciosos, ao tentar nos equilíbrios do artista, e sorrisos magníficos, estudosos, ao escutar o doutor.

— Oh! não imagina, D. Cecília, a senhorita Dolores é...

— Linda... interrompeu ella, com um assentimento de cabeça e um leque de pelúcia branca. Eis ali um comprimento em regra, doutor.

— Perdão; mas o seu motivo não impli-

A significação, porém, do apoio que o sr. dr. João Mendes presta à candidatura do sr. dr. Antônio Manoel dos Reis não é essa que pretende dar, nos termos, acima transcritos, do seu artigo, publicado na «Provincia de S. Paulo», de 14.

O sr. dr. João Mendes apoia a candidatura do sr. dr. Reis pelo 5º distrito, pela mesma razão porque apoia a candidatura á assemblea provincial do sr. padre Manoel Vicente—do seminário episcopal— pelo 9º distrito, contra a vontade dos ultramontanos daquele distrito, que sustentam a candidatura do sr. dr. Estevão Bourroul, como se vê dos manifestos já publicados: o seu fim é obter para si, no primeiro distrito, os votos dos eleitores ultramontanos, dizendo-se protector, no 5º distrito, do sr. dr. Reis, contra o candidato conservador, que conta com elementos para ser eleito, e, no 9º, do sr. padre Manoel Vicente, que, por ser do seminário, e pertencer a classe dos sacerdotes, talvez possa arranjar-lhe mais alguns votos do que o sr. dr. Estevão Bourroul.

Sempre a especulação!

O sr. dr. João Mendes dá o sr. dr. Reis como conservador. Não consta, porém, que o ex-redactor do «Apostolo» e actual redactor do «Brazil Catholic» tivesse já feito semelhante declaração de princípios políticos nestas folhas.

Ainda quando a affirmatione do sr. dr. Mendes exprimisse a verdade, nem por isso deixaria de ser menos condemnável o seu procedimento —como partidário— apoiando uma candidatura nas condições da do sr. dr. Reis, que não tem elementos de influencia política na província ou no distrito, sendo certo que

qualquer trabalho em seu favor será exclusivamente em prejuizo do candidato conservador, e em proveito dos candidatos liberais.

§

E' claro, portanto, que o sr. dr. João Mendes atraçoa no 5º distrito o partido conservador.

§

Na «Provincia», de hontem, o sr. dr. João Mendes, fugindo á desfaça dos seus actos, contrários a causa conservadora, como temos demonstrado, procura desviar-nos do caminho que temos traçado —para patentear a sua deslealdade partidária.

Não o acompanharemos, por em quanto, nesse terreno. Ainda temos muito que dizer; tudo, porém, ha de vir a seu tempo.

## Gabinete modelo

Os aprestos do governo para o proximo pleito eleitoral de 31 de Outubro apresentam-se sob o aspecto de uma nova teia de Penélope. Ao passo que o sr. Saraiva procura tecer uma rede protectora sobre as eleições, assim de que exprimam a livre manifestação do voto nacional, os seus ministros Buarque de Macedo e Homem de Melo procuram desmanchá-la nas províncias de Pernambuco e S. Paulo.

Do ar. Homem... já não vale a pena fallar-se: é em demasia sabido que os proprios chefes liberaes do seu distrito são os primeiros a hostilizar a sua pre-

tenção de fuzer-se reeleger deputado por esta província.

Quanto ao sr. Buarque de Macedo, assim de evitar as dentadas dos—cachorros—aculados contra a nefasta influencia da facção—liberal— que o sustenta em Pernambuco, cachorros que ameaçam devorá-lo, também tem feito boas causas em matéria de não intervenção do governo nas eleições.

Com relação ao assumpto, eis ainda o que escrevem de Pernambuco a redacção do «Jornal do Commercio»:

«Causaram má impressão algumas nomeações de juizes de direito para esta província. Não tanto por terem elas recahido exclusivamente em liberaes, mas por serem os mais bem aquinhoados aquelles que mais se tem distinguido em actos de prepotência e arbitrariedade. E tudo isto agora, que nos bate á porta a primeira experiência da eleição directa !

«A nomeação do dr. André Cavalcanti para a comarca de Pedras de Fogo, na Paraíba, a melhor de todas as comarcas ultimamente classificadas, e que devia ser de 2.ª entrância, por ficar a 15 leguas do Recife, tendo optima estrada, provocou grande celeuma da parte da redacção do «Tempo», que fez lembrar a parte activa que tomou aquele doutor no morticínio da Victoria, na qualidade de chefe de polícia, crime que o sr. Saraiva pareceu reprovar detinindo-o de quelle importante cargo, e designando-lhe a inhospita comarca de Goyaz, somente para inglez ver. O conselheiro Buarque de Macedo não devia desamparar tão dedicado amigo.

«Com a collocação do dr. Moraes Pinheiro em Timbúahua, e o dr. André junto a Itambá, o conselheiro Buarque conta com certeza mais um collegio eleitoral, em detrimento do democrata dr. Joaquim Tavares. Accumular meios de bem desempenhar o grande compromis-

encarando-se e ameaçando-se com os instrumentos. Airavam-se gestos insultantes, mimosas injurias... Alan ergueu a dextra e espalmou uma grande bofetada no irmão. Barnaby caiu redondamente, no chão do circo, entre as gargalhadas dos espectadores.

Conservou-se immóvel, hirto, como um verdadeiro cadaver. E' impossivel fazer se cosa mais perfeita, fingir a morte com tanta graça e tanta verdade. Alan saltava comicamente, como uma pulga azul, sobre o corpo immóvel do irmão... Levantou-lhe o braço direito, o braço recobriu desfalecido. Ergueu o esquerdo; a mesma cousa.

Suspenseu-lhe uma perna, a outra, ambas, e as pernas de Barnaby eram as de um cadaver. O povo aplaudia, rido doídamen... Alan ergueu a cabeça do irmão, aproximando-lhe a sua e deixou-a tombar, soltando um grito de horror... O espectadores delitavam de entusiasmo...

O diabo azul elevou o corpo do diabo vermelho, pol e da pô...

O diabo vermelho rebombar com todo o peso do corpo, a fio comprido...

— Barnaby está morto! Morto! Morto... Barnaby está morto! bradou Alan, esgarçando a cabellera amarela, tingindo os punhos no vermelho do rosto, arrelando-as.

A multidão ria doidamente... Era um delirio tremenda de alegria. Alan desesperado, louco de dôr, estava magnifico! Fazia ir, de uma gargalhada enorme, dolorosa, extraordinaria...

Precipitou-se de novo sobre o irmão, rugindo...

— Morto! Morto! Ele está morto! Levantou-lhe de novo a cabeça... Uma onda, subitanea e impetuosa, de sangue saiu, bolhando da boca, dos olhos e dos ouvidos de Barnaby, sobre o peito de Alan, cobrindo-o todo como um manto de purpura...

— Ele não havia diabo azul.

Ambos os clowns eram diabos-côr de sangue...

Nas archibancadas e nas cadeiras já ninguém ria...

S. Paulo, Agosto de 1901.

VALDEMIR MACALVIM.





